

*J. de Figueiredo Filho*

Não sou filho de grande centro citadino, nem tampouco fui transplantado, com raízes e tudo, para a orla do oceano. Nasci e cresci ouvindo a canção nostálgica dos tangedores de bois, montados nas almanjarras dos engenhos de rapadura, diverti-me com o matraquear dos cacetes, no *Maneiro-pau* e puxei alfinim junto à bagaceira. Só não fiz foi beber cachaça, ao pé dos alambiques carienses, com aquele aljofre fechado, tão ao gosto dos cabras e de certa gente mais graúda de minha terra. Tomei banhos em nascentes e no Poço da Escada, de Crato. Sou impregnado das coisas do Cariri. Mas, sou cearense, da cabeça aos pés, e orgulho-me disso. A limitada cultura intelectual que possuo, em parte, é bebida neste Ceará que tanto amo.

Comecei a aprender as primeiras letras em escolas cratenses. Frequentei o Colégio Diocesano do Crato, quando funcionava no vetusto edifício do Seminário de São José, fundado pela clarividência do primeiro bispo do Ceará — D. Luís Antônio dos Santos. Das melhores fases de minha vida, passei, como estudante, nesta capital, onde me formei em Farmácia, na Faculdade, então quase particular, mantida pela abnegação dos cirurgiões-dentistas Raimundo Gomes e Coronel da Polícia Militar, Sá Roriz.

Retornei à terra natal e fiquei. Passei a trabalhar com meu pai — José Alves de Figueiredo — na Farmácia Central. Dediquei-me também ao magistério e ao jornalismo, exclusivamente em defesa da zona. Não amealhei fortuna. Trabalhei tanto pela gleba, como para mim próprio e a família. Mostrei

minha terra, tal qual é, ao meu modo, ao Brasil todo, de norte a sul, através de revistas de circulação nacional, jornais e livros. Aglutinei outros elementos humanos em torno dessas atividades, em sociedades e publicações, todos eles voltados, quase exclusivamente, para o Cariri.

Essas qualidades, de minha estrita obrigação e a bondade dos ilustres membros desta Academia, justo orgulho da inteligência do Ceará, conduziram-me a um lugar, nesta Casa. Minha maior satisfação, em encontrar-me aqui, é a de reconhecer, já no descambar da existência, que conto com bons e leais amigos que, espontaneamente, me elegeram sem qualquer interferência de minha parte, para posição tão elevada, no mundo das letras.

Não se assustem. Falarei pouco em torno de mim mesmo. Apenas farei rápido relato das raízes de minha candidatura a esta Academia que representa quase toda a história literária do Ceará, tão pródigo em valores intelectuais.

A primeiro de abril, do ano passado, aproveitando a vinda a esta capital, para a posse do novo Reitor da Universidade Federal — Professor Fernando Leite, meu antigo colega do Colégio Diocesano do Crato, da primeira fase, resolvi promover tarde de autógrafos de meu recém-publicado livro *Folguedos Infantis Caririenses*. Isso aconteceu na Livraria Renascença, do amigo Luís de Carvalho Maia.

Às 17 horas, a livraria estava a fervilhar de gente. O elemento predominante era o intelectual. A parte mercantil não se apresentava bastante compensadora. As ofertas espontâneas de livros predominariam para gáudio do autor, em detrimento das vendas, com prejuízo natural da livraria e da editora. Para mim se constituiu das reuniões mais afetivas que já tive, em minha homenagem, embora quase sem divulgação na imprensa, rádio e televisão. Fui saudado pelo conterrâneo — Prof. José Denizard Macedo de Alcântara. Falou pelo coração. Recordou sua infância em Crato, nas tradicionais brincadeiras de criança, relembrou os brejos, com seus canaviais sempre verdejantes. Falou nas escolas antigas, no Seminário, Colégio Diocesano e mil outras reminiscências. Respondi-lhe

igualmente pelo lado sentimental. Disse, com ênfase, que meu programa se baseava todo na luta pela valorização do interior.

Apesar de reunião em casa comercial cheia, com outros fregueses, alheios ao assunto, o ambiente se tornara silencioso. Olhei em torno de mim. O meio transpirava simpatia. A frase, em que propugnava pela valorização do interior, fora recebida com aplausos. Perdoem-me a vaidade. Senti que conquistara a praça, pelo coração. Escritores, poetas, jornalistas aprovavam-me sorridentes.

Estamos vivendo a época, quando o interior começa a despertar a atenção de todos. Tomei parte no IV Simpósio dos Professores Universitários de História de Porto Alegre, de setembro do ano transato. Ao ler a minha comunicação — “Sobrevivência Portuguesa no Cariri Cearense”, pude constatar que o tema, de caráter regional, despertara a atenção de muitos. A mesa, em que fazia refeições, no restaurante universitário, passou a ser freqüentada por vários simposistas, à cata de informações do Cariri. Fui incluído na chapa e eleito membro do Conselho Consultivo da Associação de Professores Universitários de História. Todas as publicações que levava de Crato foram disputadas, daí por diante, com verdadeiro interesse.

Em julho do ano que passou, achava-me, de férias, no Recife, quando, em certo dia, tive a satisfação de receber carta do amigo General Raimundo Teles Pinheiro. Li imediatamente e tive a surpresa de saber que meu nome estava em cogitações para substituir, na Academia Cearense de Letras, a vaga deixada com a morte do conhecido escritor Dolor Barreira. Já sabia, pelos jornais pernambucanos, que aquele culto homem de letras falecera, em fins de junho. Na Academia Pernambucana de Letras, que eu sempre freqüento, quando estou ali, na qualidade de sócio correspondente, o desaparecimento do apreciado literato e jurista conterrâneo foi comentado, com sentimento de pesar.

Naquele mês, recebi alguns exemplares do 11º número de *Itaytera*, que eu deixara, em Crato, em vias de conclusão. João Lindemberg de Aquino acrescentara nota, na última pá-

gina, dizendo que, em Fortaleza, havia intenso movimento a candidatar-me à Academia.

Ao retornar a Crato, pude verificar que a notícia corria de boca em boca, veiculada pela imprensa falada e escrita. De vez em quando, sabia que, dentro da Academia, os bons amigos se movimentavam, bem ativos. Fora dela, contava com prestigiosos e ardorosos partidários. Padre Azarias Sobreira, meu antigo mestre no Colégio Diocesano do Crato, General Raimundo Teles Pinheiro, Francisco S. Nascimento, Luís de Carvalho Maia, Capitão Otacílio Anselmo e Silva multiplicavam-se em atividades. O Reitor Antônio Martins Filho confessou-me, antes da eleição, que, com uma equipe daquela, poderia eu meter-me em qualquer parte, sem medo de derrota.

Inscrivi-me como candidato e tive parecer favorável, firmado por duas figuras exponenciais desta Casa — Dr. Manuel do Nascimento Fernandes Távora e Reitor Antônio Martins Filho.

Repetiam-se as espontâneas cartas de adesão, até de Acadêmicos que residiam fora do Estado. Mesmo assim, não tomei qualquer atitude de vencedor fora do tempo. Aguardei o resultado da urna. O pleito ocorreria a 10 de novembro. Infelizmente, na data anterior, o Ceará perdera de seus vultos intelectuais mais eminentes e a Academia enlutara-se com a morte do seu presidente de honra — Tomás Pompeu Sobrinho —. A eleição, com justo motivo, transferira-se para 20 do mesmo mês.

Esperei o resultado da sessão pelo jornal matutino, do dia seguinte, da Ceará Rádio Clube. Noticiou apenas reunião normal, sem tocar em eleição. Fiquei um tanto ou quanto desconfiado, com a vaidade meio ofendida. Todos nós temos quinhão deste sentimento de amor próprio. Na realidade, é que muitos sabem combatê-lo, em tempo relativamente curto. Estava eu a antever a possibilidade de derrota, ou de outro adiamento do pleito, quando estafeta do correio me entregou chusma de telegramas. Antes de abri-los, adivinhei a vitória que me alegrou, mas não me envaideceu, a ponto de ofuscar-me.

Fiquei satisfeito em saber que nada tendo a ofertar, criara boas amizades e justamente no ambiente mais culto de Fortaleza.

Daquele momento em diante, compreendi a responsabilidade que caía sobre meus fracos ombros. Iria substituir um dos maiores valores da inteligência cearense. Nova fase de trabalho surgiria para mim, até a posse. Nesta capital, dois ótimos amigos — Maria da Conceição Sousa, dedicadíssima à memória de Dolor Barreira e eficiente colaboradora de seu trabalho e Francisco S. Nascimento, preparados para meu triunfo e seus forjadores, enviaram-me, com a pressa possível, pela Varig, valioso e farto material sobre meu antecessor.

Passei a ler, cuidadosamente, a grandiosa e multiforme obra daquele eminente filho do Ceará, que eu iria substituir. Embrenhei-me até em assuntos jurídicos e cada vez que penetrava naquele admirável ambiente de luz, pleno de arte e ciência, mais ficava fascinado. Senti, outrossim, que estava diante de imenso coração, adornado de todas as virtudes que caracterizam o bom cearense da zona jaguaribana, onde nascera, em Cachoeira, hoje Solonópole, a 13 de abril de 1893.

Anteriormente, dele lera apenas o primeiro e o terceiro volumes da *História da Literatura Cearense*. Quando enviei a petição para inscrever-me, nesta Academia, desconfiado dos meus próprios méritos, não me aproximara mais de qualquer trabalho de meu ilustrado antecessor, aguardando a decisão da urna.

Depois, tive de encarar a realidade, frente a frente. Como iniciar?

Conheço parte da zona jaguaribana onde ele nascera. Testemunhei a vida cotidiana daquelas ribeiras. Na mente, reconstituí a infância de Dolor Barreira, como a de qualquer outra criança jaguaribana, em contato com o sertão áspero, em época de seca, ou transformado em perene paraíso, quando as chuvas encham o rio, os riachos e fazem transbordar os açudes. Dolor não deixou de armar-se de bodoques, a atirar em passarinhos ou de anzol, a pescar traíras e curimatãs, em poços ou água corrente. Trepava-se em oiticicas, pau-d'arco

ou timbaúbas, com essa desenvoltura própria do menino sertanejo.

Mas, a escola foi que lhe deu os primeiros contatos com as letras que seriam, mais adiante, a razão principal de sua vida. Cantou, à maneira da criança de então, o Bê-a-Bá, sentado em bancos, com os outros, a balancearem as pernas, em verdadeira cadência. Tomou parte em argumentos de tabuada, levando bolos de palmatórias, quando, por ventura, errasse. Tudo isso, sob o ar maternal e vigilante da professora Dona Dorinha.

A vida do sertão para um menino é Éden perene, com banhos prolongados no rio, ou em poços que ficam após o inverno, aos mergulhos, pulos e canga-pés, com os companheiros. A vidinha mudou. Transferiu-se para a serra do Estêvão a continuar estudo mais sério. O clima amenizou com o ar puro ou elevada altitude. A disciplina dos educadores alemães não poderia dar-lhe a liberdade que desfrutava às margens do Jaguaribe, em sua terra. A vida se tornou outra, mas não desgostou o jovem estudante. Estava marcada sua vocação. Dedicou-se ao estudo de corpo e alma. A disciplina teutônica, bem orientada, é importantíssima. Até no comércio é assim. Em minha terra há movimentada casa, com mais de cinquenta anos — A Pernambucana. Sempre foi dirigida por métodos germânicos e visitada por fiscais originários da Alemanha. Constituiu-se em ótima escola de comerciantes. Seus antigos empregados tornaram-se bons dirigentes de firmas comerciais, não só no Cariri, como em todo esse imenso Brasil.

Em cima da serra, os horizontes de Dolor Barreira foram se alargando. Criou gosto pelas letras, fundando com alguns colegas, grêmios literários. O bom clima serrano deve ter-lhe feito bem à saúde. Alicerçou assim o corpo e o espírito, no Colégio São José, para enfrentar a luta com que se depararia, na capital cearense, para onde se mudaria depois.

Matriculou-se no tradicional Liceu do Ceará, educandário oficial, em que o civismo se aliava à instrução, a cargo de mestres abalisados. A sua vocação literária alçaria vôo, daí por diante.

Suas primeiras manifestações, na imprensa, marcaram-lhe a luta pelas nobres causas e o repúdio à mentira e aos erros de todos os quilates. O cheiro de tragédia pairava sobre o mundo, nas vésperas da primeira conflagração universal. O Ceará fora sacudido por embates terríveis, filhos da politicagem, sem freio, com o entrechoque entre Franco Rabelo, ídolo de Dolor Barreira, a quem, chamara, certa vez, de “meu jovem Mirabeau”, e a onipotente oligarquia Nogueira Acióli. Pínei-ro Machado movimentava as marionetes, nos bastidores da política nacional. Depois, armou Juazeiro contra o rabelismo, para findar sacudindo fora o Dr. Floro e seus partidários.

Naquela época anuviada, o moço acadêmico Dolor Barreira escreveu, com pinceladas de fogo, “A Torpeza da Traição”, em *Fenix*, publicação da Fenix Caixeiral. Vejamos trecho daquele trabalho que saiu como artigo de fundo:

“TRAÇÃO — Eis o mais abominável dos vícios, o mais degradante dos males que que enchem a terrível e mortífera caixa de Pandora.

TRAÇÃO — É à sua sombra malfazeja, que se realizam os tráficos mais ignóbeis e se praticam os mais indecorosos atentados contra a honra, a moral, a humanidade e a natureza.”

Foi escrito em 1914. Tanto na política nacional, como nos embates diplomáticos internacionais, o clima natural da época era de traição e deve ter muito ferido a sensibilidade do jovem acadêmico jaguaribano, que fora rabelista ardoroso.

Em 1911, mesmo antes de formar-se, casou-se com Dona Maria José Turbay Barreira, que lhe deu numerosa prole, hoje toda bem encaminhada na vida, mercê de aprimorada educação doméstica. Perdeu a esposa em 1960.

Terminou ele o curso jurídico, em 1914, nesta capital. Tentou esquecer as letras para dedicar-se exclusivamente à carreira que abraçou, com tanto entusiasmo. Mas, o Direito não é incompatível com a Literatura. Os melhores escritores do Brasil, em sua maioria, foram forjados na atmosfera dos cursos jurídicos, nos escritórios de advogados, ou na magistra-

tura. Os próprios trabalhos de Dolor Barreira eram calcados em belo estilo literário.

Dedico-me a outra profissão. Li todas as monografias de cunho jurídico, que Maria da Conceição Sousa me enviou, com inteiro agrado, como se fossem crônicas leves de jornal, ou crítica da inexcelsível *História da Literatura Cearense*.

Não posso fazer estudo minucioso da extensa e útil produção intelectual do meu antecessor, na Academia Cearense de Letras. Faria volume de centenas de páginas que eu não aguentaria ler, nem tampouco os aqui presentes suportariam ouvir.

Dos discursos mais bem feitos de Dolor e dos mais completos, foi o que pronunciou na recepção de Leonardo Mota, nessa Casa, em memorável sessão de 1938. É oração primorosa, digna do homenageado, com simplicidade de linguagem, na qual o orador retrata a própria modéstia, ainda no intróito:

“A mim mesmo em verdade, é que cabia receber-vos ao vosso ingresso à Academia Cearense de Letras. Eu que não outro é que haveria de dar-vos as mãos ao penetrardes os umbrais do augusto sodalício, onde, em contraste com meu humilde nome — um de seus inexpressivos componentes — rebrilham e refulgem, na mais esplêndida das constelações, ou nomes por excelência representativos da intelectualidade da terra de Alencar.

Não que sobreexcelisse acs seus confrades em valimento, que não tenho, e a que não aspiro, pois, — repetindo a frase desenganada de José Bonifácio, o Moço — “nada sou, nem nada quero ser”. Não que, nos domínios do pensamento, houvesse semelhança de vocações, ou atrações por parte de nós dois, pelas mesmas idéias.

Muito ao invés, o nosso destino espiritual rumou, em todos os tempos, por direções opostas, indo eu para o Direito, para o foro, para a cátedra; vós para a beletrística, para a oratória, para o folclore. Nada disso.”

Havia, porém, muita identidade entre os dois. Ambos foram contemporâneos no Colégio de São José, na serra do Estêvão. Formavam na mesma rodinha e iniciaram-se como oradores e cultores das letras, em grêmios literários, começando a escalada luminosa do futuro. Tornaram-se dos maiores escritores cearenses, cada qual em seu respectivo setor.

Residindo eu em cidade caririense, visitando Fortaleza, de quando em quando, não tive o prazer de conhecer pessoalmente o meu inteligente antecessor. Conheci bem a sua alma de escol, que deixa transparecer, com toda a pureza, nos seus belos conceitos e no harmonioso estilo.

Mesmo a descrever a vida no Colégio de São José, deixa antever o homem que haveria de ser, em futuro próximo, ao lado daquele colega inseparável, que, igualmente, possuiu outro imenso coração, guiado por inteligência de primeira.

Aquele discurso é cheio de evocações:

“Haveis de lembrar-vos, ainda, e o vosso discurso, palpitante o indica — das tertúlias do “Recreio Literário”, que as galas e vibrações a vossa palavra tornavam, sempre, empolgantes; onde uma noite José Paracampos, hoje renomado pediatra, se fez ouvir, numa eloqüente conferência sobre Castro Alves, entremeada, do começo ao fim, de versos candentes do Poeta dos Escravos, expressão suprema dessa beleza indefinível, ante a qual a alma não enumera, não esquadrinha, não argumenta: comove-se, quando não ajoelha: *É bela, perché é bela...*” E assim por diante.

A oração de Dolor Barreira é repleta de saudade da vida cotidiana do internato, na serra do Estêvão, onde se preparavam os cidadãos de amanhã. Relembra também José Paracampos.

As academias, os institutos, as assembléias se forjam nos grêmios e tertúlias. Tivemos nosso grupinho de intelectuais-mirins, no antigo Colégio Diocesano do Crato.

A fim de quebrar um pouco a monotonia deste trabalho, narrarei caso, um tanto ou quanto jocoso, acontecido com o

nosso grupo, naquele educandário cratense. Fundamos agremiação e o jornalzinho, impresso em tipografia — *O Bandeirante*, isso, há cinqüenta anos. Por ser filho do poeta mais conhecido na cidade — José Alves de Figueiredo, estreei, na imprensa, com horroroso soneto, por cima de tudo, em acróstico, para mais forçá-lo.

Passei a ser espécie de líder, até em assuntos poéticos, naturalmente por pretensa herança paterna. Em certo dia, no recreio, o colega Miguel Inácio de Figueiredo, hoje residindo no Recife, apresentou-me soneto à minha crítica, dizendo-me ser de sua autoria. Com ar dogmático, apontei-lhe mil defeitos. Grupo de colegas assistentes, aproximando-se mais de mim, mostrou-me tal soneto, em livro de autoria de Olavo Bilac. Foi gargalhada geral. Não soube onde metesse a cara de tão encabulado. Definitivamente, arrebentei minha enferujada lira, feita de folhas de Flandres.

O discurso a Leonardo Mota não é somente o elogio ao folclorista e escritor, como, igualmente, bela lição de literatura nacional ou mesmo de outro país. Mas, o tempo tem poder ditatorial. Tenho de prosseguir, abordando outras facetas da movimentada vida de Dolor Barreira, consagrada à cultura.

Chegou a vez de tocar em biografado do campo jurídico. É dos maiores do Brasil, ou da América Latina, justo orgulho deste dadivoso e imorredouro Ceará. Trata-se de Clóvis Beviláqua.

Três discursos pronunciou ele, enfeixados em livro, sob o título *Clóvis Beviláqua e Outros Trabalhos*, editado em 1956, pela Universidade do Ceará. Um, em presença do grande vulto do Direito, no Teatro José de Alencar, a 14 de janeiro de 1935, e outro, por ocasião da conclusão da obra de Direito Civil, daquele conhecido jurisconsulto. O terceiro, foi mais solene, comovente, evocativo, na sessão fúnebre pelo desaparecimento do Mestre, em 1945. O orador falou com inteiro sentimento de pesar. Traduziu bem toda a dor que o Ceará sentia pela morte do filho ilustre, que tanto soube honrá-lo no País e no mundo. É oração de um mestre dirigida à memória do mestre

máximo do Direito, após ter este cumprido sua nobilitante missão, na terra, deixando-lhe obra que jamais lhe acompanhará o túmulo.

É verdade que o tempo do individualismo exclusivista está a passar. O Direito está fadado a acompanhar essa evolução. O coletivismo e o estatismo ganham terreno aceleradamente, porém, mais cedo ou mais tarde, provocarão o cansaço universal. O meio termo acabará por triunfar, como geralmente tem acontecido, em todos os tempos, após o constante ruminar do bom senso dos povos. Homens, a exemplo de Clóvis Beviláqua, jamais serão olvidados, pela perenidade de sua portentosa obra.

Meu culto antecessor, em determinado ponto de sua comovente oração, disse:

“Com Clóvis Beviláqua morre o maior dos brasileiros. O maior, pela extensão, consistência e universalidade dos conhecimentos, pelo vigor e segurança da cultura, pelo apuro, amplitude, energia conceituosa das idéias. O maior por esse aglomerado de virtudes que estarrecem e maravilham o século utilitarista e estardalhaçante em que vivemos, e que não invejariam os dos grandes varões da antiguidade: Sócrates, Diógenes, Zenon e Catão. O maior, pela grandiosidade, proficiência e utilidade da obra filosófica, sociológica e jurídica, que tão generosamente liberalizou a seu país e que a solidez da estrutura, a harmonia dos princípios, a coerência de uma inabalável sistemática tão singular e indestrutivelmente entrosam.”

Em traços ligeiros, vimos, impecável, o perfil de Clóvis Beviláqua.

Dolor Barreira, inigualável intérprete do Direito, compreendeu, com argúcia, o espírito do imperecível autor do *Código Civil Brasileiro*. Outros, pedantes, simples demagogos, à cata de publicidade, tentaram até denegrir-lhe os méritos, por ocasião das comemorações nacionais de seu centenário. O Brasil em peso os repeliu com veemência. O mérito é sempre odiado pela inveja. Qual o grande vulto da humanidade que não teve

inimigos? E continuam pelos tempos afora, quando a morte material, de há muito, já tenha levado aqueles que pretendem atingir com a peçonha da calúnia. Inconscientemente, porém, contribuem mais para a imortalidade, deles, uma vez que provocam sempre onda audaz de defensores. As setas, embebidas no curare da inveja, voltam-se freqüentemente para o atirador. O silêncio, sim, é que se transforma de efeito inteiramente deletério para as figuras preeminentes, de deslumbramento momentâneo, sem raízes em sólidos alicerces.

Dolor Barreira, cultor apaixonado da Ciência do Direito, foi dos maiores admiradores de Clóvis Beviláqua. Almas afins, compreendiam-se perfeitamente. Meu culto antecessor não se formou para ter diploma de Bacharel, ou trazer rubi a luzir-lhe no dedo. Advogado que mereceu a confiança absoluta de vasto círculo de clientes, foi sempre vencedor nos tribunais.

Tomemos contato com trabalho de Maria da Conceição Sousa, a sair no 12º número de *Itaytera*:

“Convém salientar que foi a unanimidade de votos da Congregação da Faculdade de Direito, em sessão de 21 de janeiro de 1961, que o elevou ao posto de Diretor daquela Casa de ensino jurídico.

Entrou no magistério superior a 1º de janeiro de 1935, mediante concurso no qual obteve média final 10, defendendo a tese — *Investigação da Maternidade Ilegítima*.

Compulsoriamente aposentado foi alvo de enternecedoras manifestações de carinho por parte dos corpos docente, discente e administrativo da Faculdade de Direito, levando a Cruz Filho — grande poeta e não menor estilista — a assim se pronunciar: “Forçoso é que o corpo de funcionários manifeste o seu íntimo sentir, ao receber a despedida do preclaro diretor, cuja passagem, como Professor Catedrático, pelos salões desta Faculdade, foi o itinerário de um astro de primeira grandeza, cujo clarão abriu caminho certo a sucessivas turmas de discípulos que se beneficiaram das irradiações do seu saber, na Cátedra de Direito Civil, na qual se constituiu luminar.”

O Ceará, a terra clássica das crises climáticas das secas, é fertilíssimo em produzir cerebrações pujantes, que fazem o orgulho do Brasil, a derramarem-se também pelo exterior. Capistrano de Abreu, Clóvis Beviláqua, Farias Brito, o paisagista Vicente Leite, Juvenal Galeno, Alberto Nepomuceno mostram bem isso.

O antigo postulado que reza: povo rico tem literatura mais opulenta, passou a ser radicalmente desmentida em plagas cearenses.

À página 54 do primeiro volume da *História da Literatura Cearense*, meu ilustre antecessor, com base segura, após várias considerações, conclui:

“Todavia, o que se nota no Ceará, é precisamente o contrário: quanto possível — e dada a relatividade das coisas a nossa vida espiritual tem sido intensa e fecunda e tem sido surpreendentemente fecunda e intensa a nossa atividade nas letras.

A pobreza econômica está em contraste com a riqueza intelectual de nossa terra, — diz-nos com prioridade e justiça Antônio Sales.”

Dolor Barreira, naquele primeiro volume da *História da Literatura Cearense*, passa revista geral nas sociedades literárias, grêmios acadêmicos, que surgiram em Fortaleza, desde os “Outeiros”, do Governador Sampaio. Não chegou a mencionar o movimento de letras, que já despontava nas vilas mais adiantadas do sul cearense. Compreende-se bem isso, dado o afastamento quase total do sertão de sua metrópole. Esta, em seus primeiros tempos de existência, crescia também a passos de cágado.

Em Jardim, perdido nos confins do Cariri, medrou movimento literário bastante animador, com sociedades, periódicos, educadores e escritores. Estes tiveram de emigrar para outros pontos do país. Foi cognominado, em meados do século passado — Atenas do Cariri.

Em Crato, com a fundação do Seminário de São José, em 1875 e a proliferação de periódicos, desde 1885, com a cria-

ção de *O Araripe*, dirigido pelo conhecido jornalista João Brígido dos Santos, houve despertar promissor no campo das letras. Tivemos réplica da Padaria Espiritual, desta cidade, com o Clube Romeiros do Porvir, além de múltiplos grêmios literários.

Soriano de Albuquerque entrou no Ceará, pelo Crato e Barbalha, fundando jornais, agremiações, educandários e criando teatro, com elementos de casa.

Voltemos ao nosso brilhante homenageado.

Em sua ciclópica *História da Literatura Cearense*, ter-se-ia referido ele a escritores, ou movimentos literários do Vale Caririense?

Respondo pela negativa.

Tal silêncio seria pecado imperdoável de Dolor Barreira?

Não — é a minha segunda resposta.

O Brasil, há bem pouco, girava inteiramente em torno de suas capitais. A gente do Cariri, por culpa própria, vivia encastelada em seu rincão, debaixo de árvores frondosas, contemplando suas fontes a jorrarem, delas tirando o proveito para os extensos canaviais e fruteiras. Esquecia os problemas da terra, não vendo nem a pobreza em redor de si. Embevecia-se com o cantar dolente dos tangedores de bois. A majestosa chapada do Araripe, como que lhe limitava a visão de horizontes mais amplos. Quando alguém fugia desse sortilégio, para o litoral, ou para o legendário encantamento da Amazônia, não voltava mais.

Só a politicagem desenfreada ligava o Cariri à metrópole, através de chefes partidários, cada qual mais egoísta e prepotente.

Quais as notícias que os correspondentes de jornais, no Cariri, enviaram para a imprensa desta capital? Só notas e intrigas políticas, cangaços ou artigos desaforados contra desafetos. De tais assuntos, o que se poderia extrair para as letras do Ceará?

No entanto, em Crato, Jardim, Barbalha, Juazeiro, já existia grupo de intelectuais, em formação, com poetas, articulistas, oradores, escritores, agindo em sociedades literárias, se-

minérios, embora fechados no semicírculo formado pela serra do Araripe, a limitar-lhe o microcosmo.

CHESF, educandários, via-férrea, rodovias, rádios-emissoras, avião arrancaram o Vale Caririense desse natural insulamento. E o importante trecho do Nordeste, encravado justamente em seu centro geográfico, começou a aparecer, tão pujante em inteligência, quanto pujante é sua primorosa natureza.

Dolor Barreira, na *História Literária Cearense*, foi minucioso, e carinhoso até, em enumerar e enaltecer os representantes das letras caririenses, que atuaram ou ainda atuam na bela capital do Ceará.

Não me recordo da fonte pessoal que me informou, mas, ao conhecer ele exemplar da revista cratense *Itaytera*, ficou bastante impressionado com a cultura intelectual de minha terra. Prometeu referir-se à mesma, com a atenção devida, em futuro trabalho. A morte, infelizmente, não o consentiu.

No estudo que fez da primeira fase da Academia, aparece o cratense Alcântara Bilhar, dos pioneiros intelectuais da terra alencarina. Caririenses despontam, de quando em quando, em sua monumental *História da Literatura Cearense*. Enumeremos: Padre Misael Gomes, Raimundo de Monte Araes, Pe. Joaquim de Alencar Peixoto, José Marrocos, Manuel Monteiro, Cursino Belém, Álvaro Bomílcar, Leite Maranhão, Barbosa de Freitas, Pe. Ulisses Pennafort, Artur Bomílcar, Almir Madeira, Paulo Elpídio de Meneses, José Carvalho, Joaquim Alves, Fran Martins, Antônio Martins Filho.

Ninguém estudou, com mais minúcia, a biografia do jornalista filho de Crato, Manuel Monteiro, do que meu antecessor nesta Casa. Em minha terra passou aquele intelectual como verdadeiro meteoro. Ausentou-se cedo, a fim de estudar noutras plagas, dispondo dos cofres recheados de seu genitor. Por incrível que pareça, Manuel Monteiro começou a vida jornalística na França, em *Paris-Soir*. Acompanhava seu pai, José Rodrigues Monteiro, no tratamento de saúde que fazia, então, na capital francesa, quando teve a oportunidade de es-

trear na imprensa, em língua que sabia escrever tão bem quanto em português.

Meu culto e arguto antecessor traçou-lhe biografia, quase completa. Muito do que afirmou, no quarto volume de *História da Literatura Cearense*, é desconhecido em Crato.

Demorar-me-ei algum momento em torno de Manuel Monteiro. É escolha que faço, à guisa de teste, na multidão de biografados de Dolor Barreira. Conheci-o pessoalmente e nele falo no desprezioso livro de minha autoria — *Meu Mundo é uma Farmácia*.

Conversador admirável, prendia a roda da botica de meu pai, no período áureo dos freqüentadores habituais — Dr. José Furtado Filho, Irineu Pinheiro e outros. Filho do único milionário da terra, estava sempre a passear, por aí afora. Com dados de Dolor Barreira, repetirei alguns fatos da vida de Manuel Monteiro, que eu revi depois, já misantropo, sem sair de casa.

“Fez o curso primário em Crato, com o Prof. José Marrocos e tirou preparatórios no então Liceu do Ceará.

Em 1911, bacharelou-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela Escola Livre de Direito do Rio de Janeiro, já sendo formado em Farmácia, desde 1907, quando deixou o segundo ano de Medicina em que estava matriculado.

Releva consignar que Manuel Monteiro também freqüentou o Seminário do Rio Comprido, onde fez até o 2º ano teológico, tendo igualmente freqüentado o Seminário de Diamantina que logo abandonou na certeza de lhe faltar vocação para a carreira sacerdotal.”

Após enaltecer-lhe a luminosa trajetória de jornalista, tanto no Rio, como no Ceará, Dolor Barreira passa a fazer a crítica do homem de letras. Diz em certo momento:

“Manuel Monteiro é lídimo homem de letras, servido por aguda e exuberante inteligência, com um dom de escrever raro entre nós.”

Cita-lhe várias poesias, quase todas ignoradas na terra natal, como o foram “Os Pensamentos”, do mesmo comentário. Conheçamos alguns deles:

“Estar bem é pouca cousa, estar melhor é tudo. Quem se contenta com estar bem?”

“Cousa terrível é conversar com um indivíduo que só entende de uma cousa, quando justamente é aquela de que não entendemos nada.”

“O otimismo é bom para certos casos e o pessimismo para outros. A vida é cousa tão complicada que a gente, para atravessá-la, deve munir-se de várias sabedorias.”

Transcreve Dolor Barreira artigos de Manuel Monteiro, do *Correio do Ceará*, ao tempo da primeira guerra mundial, quando Rui Barbosa e Medeiros e Albuquerque promoviam intensa campanha para o Brasil entrar na conflagração, ao lado das potências aliadas. O articulista tornou-se visceralmente contra a propaganda belicosa dos dois eminentes intelectuais brasileiros que recebiam, então, os aplausos patrióticos de todo o país. Manuel Monteiro deu a entender que, por detrás daquilo tudo, andavam altos interesses internacionais, a manobrar nos bastidores diplomáticos. Manuel Monteiro foi tido como anti-patriota e até insultado pessoalmente. Hoje, seus artigos, escritos há tantos anos, têm o sabor de atualíssimos. Tocou em tecla que é pública e notória nos momentos presentes e que igualmente não constituíam inverdades, entre os anos de 1914 a 1918.

A respeito de nosso outro conterrâneo, Álvaro Bomílcar, outra figura de projeção, Dolor Barreira é pródigo em particularidades daquela trepidante vida, pelo Brasil afora, e na reprodução de suas produções literárias, que pouca gente sabe, mesmo entre seus parentes de Crato.

O Padre Antônio Tomás, dos maiores sonetistas da língua portuguesa, tentou isolar-se do mundo, em Acaraú, dentro de modéstia exagerada. Nunca permitiu que se reunissem suas maviôsas poesias, em livro qualquer. Dolor Barreira conseguiu reproduzir os seus principais sonetos e tecer-lhe expressiva biografia, na excelente *História da Literatura Cearense*, tantas vezes já citada. Meu antecessor e a sobrinha do poeta-sacerdote, Dona Dinorá Ramos, reuniram muitos daqueles apre-

ciados versos em publicações que assim, cada dia mais, se irradiam em todos os recantos onde se fala o Português.

Ocupava Dolor a Cadeira que agora me cabe, tendo como Patrono o seu tio materno, Samuel Felipe de Sousa Uchoa. Nasceu também no sertão jaguaribano. Não foi apenas o orador que pronunciou o discurso de inauguração da via-férrea, nesta capital, conforme é conhecido, através de rápidas notas biográficas, em diversas publicações. É dos reais valores cearenses, esquecidos, dos quais nos fala seu sobrinho, embora Fortaleza o haja homenageado com o nome de uma rua. Nasceu na Fazenda Nova, em Jaguaribe-Mirim, de conformidade com o que esclarece Dolor, não, em Riacho do Sangue, registrado, por engano de fonte, pelo inolvidável historiógrafo Barão de Studart.

Samuel Uchoa não foi figura apagada no cenário das letras. Em seu tempo, projetou-se em diversas facetas da inteligência. Quem melhor o biografou foi Dolor Barreira. Em maio de 1944, na revista fortalezense *Valor*, dirigida pelo dinamismo de Antônio Martins Filho, o futuro criador da Universidade do Ceará, publicou oportuno artigo enaltecendo o vulto preeminente de seu tio, que o Ceará parecia esquecer. Aberebrei-me dessa fonte cristalina para melhor conhecer o Patrono da Cadeira que hoje tenho a honra de ocupar.

Farmacêutico, habituado a lidar com medicamentos, vim assim a preencher o lugar que pertenceu a ilustrado bacharel em ciências jurídicas e sociais e tem outro a patrociná-lo, ambos habituados ao convívio contínuo das leis e em sua fiel interpretação.

Samuel Uchoa, nascido a 21 de dezembro de 1843, veio a falecer a 25 de junho de 1902. Formou-se em Direito pela velha Faculdade de Olinda. Exerceu a promotoria em várias localidades do Ceará, com a lisura que o caracterizava sempre.

Na qualidade de bom cearense que era, conforme o costume da época, emigrou para a Amozônia, ali se destacando em diversos setores de atividade. Foi chefe de polícia do Pará e obteve comendas, não só do Império do Brasil, como do

governo português. Voltando ao Ceará, reingressou na vida jornalística, colaborando na imprensa oposicionista de seu tempo.

Precisamos ouvir a própria opinião de seu sobrinho e biógrafo:

“Filho do mais recuado sertão, Samuel Uchoa trouxe, para os três setores em que se desdobram as suas atividades de homem público — a política, o magistério e o jornalismo — as qualidades, que distinguem o sertanejo dos tempos de antanho — a fortaleza, a pertinácia, a lealdade, a sobranceira e a destemidez.

Político, era desassombrado, altivo, fiel, inamalgável. Formado na oposição, na intemerata falange que o Dr. Martinho Rodrigues, Conselheiro Rodrigues Júnior e Cruz Saldanha dirigiam, de nenhum modo o intimidavam as carantanhas ou arreganhos do poder, que, em todo o tempo, enfrentou, firme e impavidamente.

Alvo preferido de perseguições de dominadores do dia, até o risco de ser assassinado. Mas nunca se dobrou, sempre leal aos seus compromissos, nem nunca temeu, nem se deixou abater, mantendo, através de todos os obstáculos, a firmeza e incorruptibilidade dos seus princípios e convicções.”

Dolor Barreira continua no mesmo tom, a exaltá-lo, pelas primorosas qualidades do tio jornalista, sempre vigorosas e aplaudidas pelos leitores de então.

Coloca-o no meio das personalidades mais ilustres do Ceará, embora olvidado pelos pósteros. Chamou-lhe de magistrado culto e consciente. Samuel Uchoa primou pelo critério inatacável. Quando juiz, suas sentenças foram sempre mantidas pelos tribunais.

O Patrono da Cadeira 34, desta Academia, no parecer de Dolor Barreira, foi “crítico, sem mordacidade, modesto sem hipocrisia, abnegado, sem jactância, religioso, sem fanatismo. justiceiro, sem vanglória, caritativo, sem ufanía, altivo, sem arrogância, tais eram os dotes que o faziam adorado de quantos o conheciam”.

Herdou-lhe o sobrinho todas essas boas qualidades. Animado de inteiro espírito de justiça, revoltava-se Dolor quando via algum talento do Ceará em pleno esquecimento. Andava à cata, vigilante, a fim de corrigir tais anomalias. E muitos poetas de valor esquecidos, arrancou da obscuridade. É o caso de Eufrásio de Almeida, nascido em Tauá, com vida bastante efêmera e infortunada. Com sugestiva e enaltecedora nota sobre aquele poeta, encerra Dolor Barreira o segundo volume de sua grandiosa *História da Literatura Cearense*.

Cumpriu meu antecessor sua benfazeja missão nesta terra. É glória incontestável do Ceará, a irradiar-se por todo o Brasil. Sua *História da Literatura Cearense* ficará. Naqueles milhares de páginas, deixou, indelévels, sua alma e talento multiforme. Será ela indispensável, no futuro, aos estudiosos que prescrutarem esta fase importante das belas letras, que Dolor Barreira focalizou, com tanta mestria e dedicação. Ninguém conhecerá a literatura, desse espaço de tempo, sem consultá-la. É trabalho de crítica essencialmente sensato. Não pecou pelo exagero. Não elogiou em demasia, nem se tornou iconoclasta, pelo simples prazer de destruir. Não gostei apenas das extensas notas a tomarem quase as páginas inteiras. Preferias no fim de cada capítulo. É apenas opinião de simples leitor, meio comodista e não de crítico literário, que não sou. Seus comentários e citações selecionadas, agradam a todos, do começo ao fim.

Coube a mim assentar-me na Cadeira que pertenceu a duas incontestáveis glórias deste Ceará, tão provado pelo sofrimento, mas invencível sempre.

O peso que recaiu em minha fraqueza é enorme, em ser herdeiro da Cadeira nº 34, por determinação eletiva de homem de inconfundível mérito, pela cultura aprimorada e pelo acendrado devotamento à terra cearense.

Sou portador apenas de cultura restrita, bebida no interior, em contato com a gente de zona das mais típicas do Nordeste brasileiro. Não venho espargir luzes, neste salutar ambiente, impregnado de focos irradiantes da inteligência. Venho, ao contrário, beber ensinamentos de mestres consagra-

dos das letras e das ciências, em suas múltiplas modalidades. Na minha escolha, tendo a certeza e honro-me disso, o coração falou mais alto do que qualquer outro sentimento dos ilustrados companheiros desta augusta Academia. Esforçame-ei para não decepcioná-los.

A Cadeira 34 pertenceu a filho do interior e tem outro como Patrono, ambos do Jaguaribe, mas radicados nesta capital. Agora, o Cariri, geograficamente mais distante, sem arredar os pés de casa, apossou-se temporariamente dela, pela votação quase unânime da sessão de 20 de novembro. Sinto-me à vontade no meio desta família que coloca o coração ao lado da inteligência.

A eleição não me tornou enfatuado. Senti-me realizado em ver o Cariri, na minha modesta pessoa, sentar-se ao lado dos maiores valores intelectuais do Ceará. Abriu-me também série de responsabilidades, que, por vontade própria, delas não fugirei.

Pequenino ser, não me ofusca o título de imortal. Tenho a imortalidade imanente ao meu espírito, pelas promessas de eternidade de Cristo Nosso Senhor.

Nesta hora solene, em momento de confusionismo universal, quero consignar a minha fidelidade à Igreja e ao Brasil, ambos atingidos, em cheio, pela terrível crise presente. Deles sou apenas simples praça de pré, respondendo exclusivamente pelos próprios atos. Católicos, mesmo da hierarquia brasileira, mesmo da alta administração, que fujam ao dever, não influem em meus princípios. Sou tolerante, por natureza, com convicções alicerçadas nos anos, herança também da pureza cristã de minha mãe e do liberalismo do meu pai. Tenho bons amigos que pensam diametralmente em oposição a mim, sem nunca ter havido qualquer rusga entre nós.

No mundo há lugar para todos, menos para os intolerantes religiosos, raciais, políticos ou de casta, plantas artificiais, inadaptáveis a qualquer época, ou a qualquer clima.

Duas mulheres influíram decididamente em minha vida — minha mãe Emília e minha esposa Zuleika. De nosso lar, já brotaram outras famílias, que continuam, lá fora, os hábitos

que herdamos dos ancestrais, com as devidas e indispensáveis adaptações aos tempos modernos.

A família continua e continuará a ser a base da sociedade. Isso aconteceu no passado e perdurará pelos tempos afora. Se, por ventura, algum dia, chegar a dissolver-se, de modo generalizado, as estruturas humanas das religiões e das nacionalidades se esboroarão definitivamente.

Na própria civilização socialista, como nos dá exemplo a URSS, a família não pôde ser destruída e começa a revigorar-se de maneira surpreendente.

A minha última palavra será para os companheiros da Academia, que me trouxeram para este alto convívio, arrancando-me dos pés-de-serra do Araripe.

Muito grato pela confiança que depositaram em mim. O programa que tenho a retribuir-lhes é unicamente o do trabalho cotidiano, dentro de minhas próprias e naturais limitações.